

MUNIZ, Mariana Lima. MAIA, Hortência Campos. Sistema Impro: uma prática em desenvolvimento no ensino de teatro na educação básica. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Titular e orientadora do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. Bolsista CAPES.

### **RESUMO:**

A Impro, sistema de ensino-aprendizagem da improvisação criado por Keith Johnstone na década de 1950, vem sendo paulatinamente praticada e discutida por artistas-pesquisadores-docentes no Brasil. No entanto, no contexto da educação teatral na Escola Básica, percebemos tratar-se de uma prática pouco conhecida e explorada como uma possível metodologia para o ensino do teatro. Portanto, essa comunicação objetiva apresentar uma experiência docente em andamento sobre a formação teatral na Escola Básica a partir do Sistema Impro em duas turmas ( 4º e 5º anos do Ensino Fundamental) em uma escola particular em Belo Horizonte. Como resultado parcial, percebemos que a prática da Impro tem possibilitado uma apreensão experienciada de conteúdos específicos do teatro, além de se configurar como um momento de diversão para os alunos e de percepção de uma criatividade "redescoberta" na relação com o outro (o colega de sala). Esperamos, assim, contribuir para a ampliação da reflexão sobre o sistema Impro como metodologia do ensino de teatro na escola a partir dos contextos específicos da prática pedagógica descrita neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Improvisação; Ensino de Teatro; Escola Básica

### **ABSTRACT**

Improv, the system of teaching and learning improvisation created by Keith Johnstone in the 1950s, has been gradually practiced and discussed by artists-researchers-profesors in Brazil. However, in the context of theatrical education in the School, we realize that it is a practice little known and explored as a possible methodology for teaching theater. Therefore, this communication aims to present a teaching experience in developing on the theatrical training at the School from Improv system in two classes (4th and 5th year of elementary school) in a private school in Belo Horizonte. As a partial result, we realized that the practice of Impro has enabled a experienciada apprehension of specific contents of the theater, and is set as a time of fun for students and perception of creativity "rediscovered" in relationship with others (school colleagues). We thus hope to contribute to the broadening of the reflection on the Improv system as a methodology for teaching theatre in the School from the specific contexts of teaching practice described in this paper.

KEYWORDS: Improvisation; Teaching Theatre; School.

A improvisação tem sido uma prática recorrente no ensino do teatro no Brasil nas últimas décadas sendo principalmente vinculada aos *Jogos Teatrais* de Viola Spolin. É evidente que o trabalho com a improvisação em sala de aula não se restringe às propostas de Spolin, em que pese sua grande capacidade de organização de conteúdos explicitadas em seu fichário utilizado por vários professores. Além da metodologia dos *Jogos Teatrais*, podemos destacar o *Teatro do Oprimido*, o *Jogo Dramático* e o *Drama* como outros referenciais metodológicos que têm contribuído para a ampliação da improvisação em sua perspectiva pedagógica.

Nesta comunicação, interessa-nos apresentar o *Sistema Impro* de Keith Johnstone como mais um campo de trabalho na prática da improvisação dentre este corolário de experiências já bastante difundidas no ensino do teatro em nosso país. Pretendemos também localizá-lo como mais uma metodologia desenvolvida na segunda metade do Séc. XX com base na improvisação e na criação compartilhada com o público, MUNIZ (2004).

Keith Johnstone é um dramaturgo e professor de teatro nascido em 1933 em Devon, Inglaterra. Atualmente reside em Calgary, Canadá, onde continua ensinando Impro a estudantes de todo o mundo. Em 1979 publicou seu primeiro livro, *Impro: Improvisation and Theatre*, que foi traduzido para diversas línguas e é sua obra mais conhecida. Vinte anos depois, levado por uma necessidade de sistematizar melhor seus exercícios e evitar um entendimento ligeiro de sua obra, publicou *Impro for Story Tellers*.

No início dos anos de 1950, Johnstone se tornou professor de uma escola em Battersea, na periferia de Londres. Como era o professor novato, foi indicado a assumir a uma turma considerada difícil pelos demais professores.

Johnstone sempre teve um discurso contrário à escola. Ele afirma, JOHNSTONE (1987), que sua escolarização destruiu sua paixão pela escrita, pois o teria feito se “encaixar” em sistemas pré-estabelecidos de criação em uma busca pela originalidade. O desafio com a turma considerada difícil o estimulou muito, pois ele acreditava que o ser “difícil” significava não submeter-se às regras implícitas e explícitas do sistema escolar. Para o jovem professor essa dificuldade de adaptação representou uma possibilidade de mudança que o motivou a experimentar novos procedimentos.

Em 1956, o Johnstone foi convidado a dirigir um pequeno estúdio de dramaturgia no *Royal Court Theatre*, em Londres. Concomitantemente, encontrava-se em um grande bloqueio criativo, segundo ele, devido a seu processo de escolarização que o tornara excessivamente autoconsciente.

As experiências como aluno, professor e dramaturgo o levaram a propor uma educação que ele chamou de “reversa”. Ou seja, fazer tudo o que seus professores haviam dito que não deveria ser feito. Em 1970, Johnstone mudou-se para o Canadá onde lecionou na Universidade de Calgary até sua aposentadoria.

Neste contexto, Johnstone desenvolveu, a fogo lento, o que DUDECK (2013) chamou de *Sistema Impro* - um conjunto de procedimentos interligados e em interação.

Keith criou uma série de exercícios de improvisação e adaptou outros. Estes exercícios acabaram se tornando espetáculos. Sua primeira experiência foi com o *Theatre Machine* que, nos anos sessenta, circulou toda a Europa com o *Theatre Sports*. Com sua ida ao Canadá, em 1970, fundou o *Loose Moose Theatre* e criou outros formatos de espetáculo de improvisação também praticados ao redor do mundo: *Gorilla Theatre*, *Maestro* e *Life Game*. Atualmente, o *International Theatresports Organization - ITI* é responsável por reunir os praticantes dos formatos de improvisação criados por Johnstone em todo o mundo. Em 2014, o *ITI* criou um setor educacional que tem dado suporte à prática do *Sistema Impro* em escolas.

O objetivo dos exercícios do *Sistema Impro* é o desbloqueio da imaginação. Para Johnstone, o medo a dar respostas não adequadas socialmente, a errar e a não corresponder às expectativas dos outros, nos levariam ao bloqueio da nossa capacidade imaginativa. Uma metáfora bastante utilizada por ele em suas aulas é a de que a imaginação é como um grande animal, uma besta, que está ao nosso lado. Se sempre que este animal tenta mostrar-se, lhe batemos no focinho e o mandamos embora, é possível que ele pare de aparecer.

Portanto, é preciso saber conviver com a possibilidade do erro como parte inegável de qualquer processo de criação. Permitir-se errar, permitir-se respostas inadequadas, permitir-se ser repetitivo, ser óbvio. Em outras palavras, parar de tentar ser original.

A originalidade é relativamente recente como conceito e como valor na história das artes. Até o Renascimento, a obra de um artista era quase sempre coletiva e é comum que obras atribuídas a uma só pessoa tenham sido realizadas por um conjunto de artistas anônimos. O anonimato é um elemento recorrente em obras artísticas anteriores ao século XVII.

A ideia de autoria e de originalidade estão fortemente conectadas. A partir do Romantismo, com o fortalecimento da burguesia, a afirmação do mérito do indivíduo passa a ser um dos principais valores de uma obra artística. Junto a isso surge a ideia do gênio, do ser humano com capacidades imaginativas superiores em oposição aos demais homens e mulheres comuns.

Apesar do conceito de originalidade ter sido alvo principal das críticas das vanguardas históricas, do modernismo e do pós-modernismo, nosso senso comum continua atrelado ao conceito romântico de gênio. Em outras palavras, à originalidade a à autoria como valores intrínsecos de uma obra de arte.

A ideia de erro, de fracasso, também está intimamente atrelada à de originalidade. Tudo aquilo que não é original, seria um erro, uma cópia. Sendo assim, como não bater no focinho desta besta que se assoma se não temos certeza se ela virá com a reação adequada, original? Por isso, um dos primeiros componentes das propostas de Johnstone é a valorização da primeira reação a qualquer estímulo. É preciso coragem por parte do aluno ou ator em deixar que suas primeiras reações apareçam, sem saber exatamente o que será exposto com isso. Por parte do professor ou diretor, é preciso saber acolher, criar um ambiente solidário, seguro, capaz de receber a fragilidade de uma reação que não se pretende autoconsciente.

Por outro lado, não tentar ser original também permite estar mais conectado com o que já existe. Johnstone chama *círculo de possibilidades* a um conjunto de possibilidades que vão se delimitando a medida que a improvisação se desenvolve. Estar atento a este *círculo de possibilidades* permite parar de pensar no que deveria ser feito e perceber o que já vem sendo realizado. É tirar o foco do futuro, e colocá-lo no presente e no passado recente. Ao mesmo tempo é parar de querer ser original e escutar o que já foi feito e, a partir disso, perceber qual é o próximo passo a ser dado. É ter o mesmo olhar que o público tem em cena: um olhar desprovido da necessidade de parecer melhor do que se é. Quem, sendo aluno em uma aula de improvisação, não teve milhões de propostas para uma cena que estava assistindo e, quando convidado ao palco, se sentiu totalmente bloqueado? Essa passagem do olhar amplo e sem ansiedade do público para a cena é um dos principais objetivos exercitados nos procedimentos do *Sistema Impro*.

Passamos a um breve relato da experiência com estes sistema na Educação Básica. Nossa pesquisa vem sendo realizada desde o início de 2014 com alunos do 4º e 5º anos do ensino Fundamental I em um colégio particular em Belo Horizonte na disciplina Teatro inserida na grade curricular do colégio. Na turma do 4º ano o trabalho é realizado com 17 crianças e com 30 alunos na turma de 5º ano.

Felizmente, temos uma sala de teatro ampla, sem móveis, arejada, limpa e aconchegante. Por ser no andar térreo, há um pequeno alpendre acoplado à sala. Quando temos atividades que necessitam de mais espaço, jogos com grandes deslocamentos como o "Pegador do Nome"<sup>i</sup>, realizamos a atividade no pátio ou no jardim de entrada do colégio. As crianças adoram sair de sala e ir para o espaço aberto!

Os alunos, em sua maioria, são participativos e envolvem-se na prática da Impro. Até o momento foi possível perceber que os exercícios pelos quais as crianças mais se interessam são aqueles onde há maior demanda por engajamento corporal como os jogos "Ídolos"<sup>iii</sup> e "Cara e corpo"<sup>iiii</sup>, além das cenas improvisadas amparadas em estruturas de jogos como o "Palma e Troca"<sup>iv</sup>, entre outros.

Podemos perceber que o *Sistema Impro* tem permitido ensinar vários elementos da linguagem teatral, tais como: jogo cênico, personagens,

narração, dramaturgia, estéticas cênicas e a capacidade de improvisar em grupo. Os jogos, por serem dinâmicos e pedirem respostas rápidas aos seus praticantes, possibilitam um engajamento das crianças nas aulas de teatro e têm se demonstrado uma atividade prazerosa para a grande maioria delas. Observamos que os jogos mais cênicos têm despertado bastante interesse nas crianças. Elas tem adorado improvisar cenas em conjunto e o tem feito de maneira muito interessante. Não foi necessário que a professora intervisse pedindo que "não combinassem" a cena antes, como já seu deu em outras práticas. Nos parece que as crianças envolvidas nesta prática já apropriaram da essência do improviso: unir sua ideia a do outro e construir algo juntos.

Os exercícios praticados em sala de aula têm origens diversas, muitos foram selecionados a partir de experiências com grupos de Impro de diversos países, outros foram criados por nós ou adaptados de brincadeiras de roda e jogos de regra. Assim o fizemos porque acreditamos que a função do professor de teatro é criativa e que as referências teóricas, metodológicas e artísticas devem inspirar o desenvolvimento de um percurso próprio. Desejamos que este breve relato estimule a outros professores a conhecer esse Sistema e desenvolver suas próprias metodologias.

Referências:

DUDECK, T. *Keith Johnstone – a critical biography*. Paperback, 2013.

JOHNSTONE, K. *Impro: Improvisation and Theatre*. Paperback, 1987.

MUNIZ, M. *La improvisación como espectáculo: principales experiencias y técnicas aplicadas a la formación del actor-improvisador*. Tese de doutorado. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2004.

i

Um voluntário será o pegador. Quando o pegador estiver para pegar alguém, este deve dizer o nome de outro colega que está no jogo. A criança que teve o nome dito passa a ser o pegador.

ii

Um jogador sai da sala, quando ele volta, os demais jogadores o ovacionam fosse um grande ídolo. E assim se dará com todos os jogadores.

iii

Os alunos andando pelo espaço no ritmo do tambor. Ao cessar o som do tambor, eles devem parar onde estão e fazer *cara e corpo* do que é proposto pelo professor. Ficam por alguns segundos na posição e sem sair do lugar devem observar a *cara e o corpo* do colega.

iv

Dois alunos começam uma pequena improvisação a partir da escolha de uma ação concreta, por exemplo, escavar um buraco. Em qualquer momento, uma das crianças que observa a cena pode bater uma palma e a improvisação é congelada. O aluno que deu a palma assume a posição de um de seus companheiros e deve seguir a improvisação a partir da posição congelada, mas mudando a situação.